

centre
de
création
contemporaine
olivier
debré

tudo o que eu quero.
artistas portuguesas de 1900 a 2020
25 de março - 4 de setembro de 2022
galeria negra, galeria branca, galerias



3 a palavra da fundação gulbenkian

4-5 a exposição

6 os artistas expostos

7 biografia dos curadores da exposição

8 o catálogo

9 parceiros da exposição

10 o centre de création contemporaine olivier debré

11 informações práticas

12 contactos de imprensa

A exposição «Tudo o que eu quero — Artistas portuguesas de 1900 a 2020» resulta de uma parceria do Ministério da Cultura português com a Fundação Calouste Gulbenkian no âmbito de dois importantes acontecimentos para a cultura portuguesa em 2021 e 2022: a Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia no 1.º semestre de 2021 e a Temporada Cruzada França-Portugal em 2022.

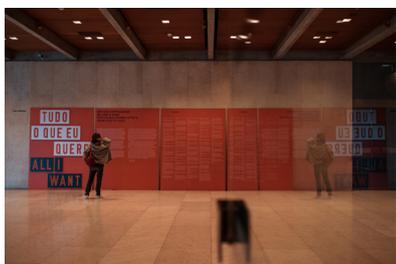
O ponto de partida deste projeto são as artistas portuguesas e a representação da mulher. Para além da motivação imediata em contribuir para a reparação de certas injustiças no contexto alargado da historiografia em Portugal, esta exposição procura também compreender as razões pelas quais na segunda metade do século xx as mulheres artistas portuguesas assumem um papel de destaque, nomeadamente no plano internacional. Esta exposição sugere um panorama, necessariamente subjetivo, do trabalho das artistas portuguesas ao longo do século xx e no início deste século.

Se Portugal é o ponto de partida para este trabalho de investigação, rapidamente verificamos que o imaginário e mesmos os objetivos (se é um fim que estas artistas têm em mente), rapidamente ultrapassam limitadas noções geográficas e conceções simples de identidade nacional. A representação da mulher, o autorretrato, a condição feminina, a guerra e a ausência, colonialismo e pós-colonialismo, a natureza e um futuro sustentável ou simples investigações pictóricas ou estéticas são alguns dos temas ou áreas de interesse que movem estas artistas. E aí começamos a compreender que a dimensão universal destas obras explica, em parte, a capacidade de sedução destas artistas fora do País. Vieira da Silva, Paula Rego, Lourdes Castro, Helena Almeida, Ana Vieira ou Joana Vasconcelos são estrelas confirmadas do firmamento artístico internacional, mas esta exposição apresenta quatro dezenas de artistas cujas obras vão permitir melhor compreender a história, não só artística, do nosso País, dando a conhecer ao público internacional a riqueza e diversidade das artes visuais em Portugal.

A Fundação Calouste Gulbenkian tem uma longa ligação com uma grande parte destas artistas, que, nuns casos, apoiou enquanto estudantes em Portugal, ou em cidades como Paris, Londres ou Munique. A Fundação dispõe também de uma importante coleção de arte moderna e contemporânea, tendo procurado ao longo das últimas seis décadas contribuir para a visibilidade e reconhecimento da obra destas formidáveis mulheres, que na maior parte, integram esta coleção.

Isabel Mota, Presidente do Conselho de Administração, Fundação Calouste Gulbenkian

[Extracto do catálogo da exposição]



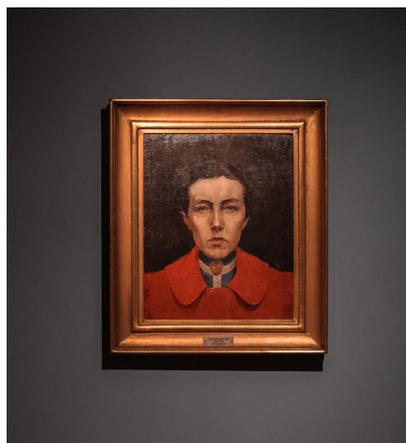
Este projeto, organizado à volta de uma exposição itinerante e de um conjunto de ações complementares, pretende revisitar o trabalho de um conjunto de 40 mulheres artistas portuguesas produzido desde o início do século xx até hoje.



Helena Almeida, *Seduzir*, 2002, papier photo, photographie et peinture acrylique, Fondation Calouste Gulbenkian, Portugal © Photo Pedro Pina

O título da mostra, *Tudo o que eu quero — Artistas portuguesas de 1900 a 2020*, inspira-se em Lou Andreas-Salomé, autora que desenvolveu uma das mais notáveis reflexões sobre o lugar das mulheres no espaço social, intelectual, sexual e amoroso dos últimos séculos, situando, assim, as artistas selecionadas no espírito de subtileza, de afirmação e de poder. Contra todos os obstáculos, estas artistas de várias gerações e diferentes sensibilidades conquistaram o seu lugar, pela força da qualidade das suas propostas. Celebrar esta conquista exige resistir à abordagem ilustrativa que uma representação genérica (mulheres artistas) e nacional (portuguesas) sugere. Mas obriga também a que não esqueçamos que, em pleno século XXI, nada está consolidado no que à igualdade de género diz respeito, que estas obras são instâncias de um longo esforço coletivo pelo direito à existência artística plena.

Reunindo trabalhos de pintura, escultura, desenho, objeto, livro, azulejo, instalação, filme e vídeo, do início do século XX aos nossos dias, a mostra explora o modo como, num universo de consagração predominantemente masculino, as mulheres passaram de musas a criadoras. Artistas de referência como Aurélia de Sousa, Maria Helena Vieira da Silva, Lourdes Castro, Paula Rego, Ana Vieira, Salette Tavares, Helena Almeida, Joana Vasconcelos, Maria José Oliveira, Fernanda Fragateiro e Grada Kilomba, entre muitas outras, estarão representadas nesta exposição com várias obras, oferecendo ao público uma imagem abrangente dos seus respetivos universos artísticos.



Aurélia de Souza, *Auto-retrato (Autoportrait)*, 1900, huile sur toile, Museu Nacional de Soares dos Reis, Portugal © Photo Pedro Pina

O autorretrato de Aurélia de Souza, pintado em 1900, inaugura simbolicamente uma nova atitude, já não de recato e introspeção, mas de um exercício de ver e de alargar o espectro dessa visão ao mundo. Esta obra icónica constitui o ponto de partida para uma reflexão que segue um conjunto de eixos que revelam uma vontade de afirmação: o olhar, o corpo (o seu corpo, o corpo dos outros, o corpo político), o espaço e o modo como o ocupam (a casa, a natureza, o ateliê), a forma como cruzam fronteiras disciplinares (a pintura e a escultura, mas também o vídeo, a performance, o som) ou a determinação com que avançam na utopia de uma construção transformadora, de si mesmas e daquilo que as rodeia.

Independentemente das opções artísticas, sensibilidades e estratégias, o denominador comum de todas estas artistas é a forma singular como conseguiram impor a força das suas vozes, algumas das quais com uma assinalável e surpreendente afirmação internacional quer ao nível da presença museológica e institucional, quer ao nível do mercado ou da receção crítica. É o caso de Maria Helena Vieira da Silva, primeira mulher a receber o Grand Prix National des Arts, criado pelo governo francês, mas também em Paula Rego, Helena Almeida, Lourdes Castro, Ana Vieira ou Joana Vasconcelos, que viram os seus percursos amplamente celebrados e aplaudidos pelos seus pares internacionais superando as difíceis condições de trabalho e de afirmação que o país lhes ofereceu.

A exposição está dividida em vários núcleos que conduzem o visitante por múltiplas narrativas. Estes percursos permitem acompanhar a diversidade temática das artistas e o modo como os seus universos criativos contribuíram para os debates estético- artísticos do século XX, e para a discussão de algumas das questões emergentes da contemporaneidade, como os direitos cívicos, a noção de crise, a ecologia, a identidade ou o pós-colonialismo.

Em pleno século XXI nada está consolidado no que à igualdade de género diz respeito, sendo estas obras instâncias de um longo esforço coletivo pelo direito à existência artística plena. Partindo deste pressuposto, a exposição contribui para sublinhar a importância do reforço do modelo social europeu, cuja concretização passa também pelo combate às desigualdades e pela valorização da Mulher Artista.

A Ministra da Cultura, Graça Fonseca, promotora da iniciativa, destaca a importância de “aumentar a visibilidade das mulheres no sector cultural e criativo, uma das prioridades políticas da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, promovendo a representação igualitária das obras das mulheres em exposições, museus, galerias, teatros, festivais e concertos. Esta é a única forma de sair dos papéis rígidos e confinados do género e caminhar para uma sociedade mais justa para todas e para todos”.

Isabel Mota, presidente da Fundação, declara que, “além de contribuir para reparar algumas injustiças no contexto historiográfico nacional, esta exposição procura compreender o papel de destaque que as artistas portuguesas assumem na segunda metade do século xx, nomeadamente no plano internacional, muitas delas com uma longa ligação à Fundação, enquanto bolseiras em Portugal e em cidades como Paris, Londres ou Munique”. Observando que “a capacidade de sedução destas artistas fora do País radica nos temas e áreas de interesse que as movem, como a representação da mulher, o autorretrato, a condição feminina, a guerra e a ausência, o colonialismo e pós-colonialismo ou a natureza”, a presidente da Fundação congratula-se com este projeto que “vai dar a conhecer ao público nacional e internacional a riqueza e diversidade da obra de um conjunto formidável de artistas portuguesas”.

Curadores : Helena Freitas, Bruno Marchand

AURÉLIA DE SOUSA
MILY POSSOZ
ROSA RAMALHO
MARIA LAMAS
SARAH AFFONSO
OFÉLIA MARQUES
MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA
MARIA KEIL
SALETTE TAVARES
MENEZ
ANA HATHERLY
LOURDES CASTRO
HELENA ALMEIDA
PAULA REGO
MARIA ANTÓNIA SIZA
ANA VIEIRA
MARIA JOSÉ OLIVEIRA
CLARA MENÉRES
GRAÇA MORAIS
MARIA JOSÉ AGUIAR
LUISA CUNHA
ROSA CARVALHO
ANA LÉON
ÂNGELA FERREIRA
JOANA ROSA
ANA VIDIGAL
ARMANDA DUARTE
FERNANDA FRAGATEIRO
PATRÍCIA GARRIDO
GABRIELA ALBERGARIA
SUSANNE THEMLITZ
GRADA KILOMBA
MARIA CAPELO
PATRÍCIA ALMEIDA
JOANA VASCONCELOS
CARLA FILIPE
FILIPA CÉSAR
INÊS BOTELHO
ISABEL CARVALHO
SÓNIA ALMEIDA

helenas de freitas

Historiadora e crítica de arte desde o final dos anos 80, é autora de livros e ensaios sobre artistas portugueses. Dá cursos sobre arte contemporânea e colabora regularmente com revistas neste campo. Participou em vários congressos e contribui para a reflexão sobre a arte com numerosas comunicações relacionadas com a sua actividade profissional, em Portugal e no estrangeiro.

Curadora da Fundação Calouste Gulbenkian desde 1987, realizou numerosas exposições sobre artistas contemporâneos e, desde 2001, coordenou o trabalho de investigação para o Catálogo Raisonné de Amadeo de Souza-Cardoso. Foi também directora do museu português dedicado à pintora Paula Rego, Casa das Histórias Paula Rego em Cascais, entre 2010 e 2013.

Curadora na Delegação Gulbenkian em Paris entre 2015 e 2021, desenvolveu projectos de exposição na sede desta Fundação em Paris, tais como a exposição « Rui Chafes-Alberto Giacometti – gris, vide, cris » em 2018, mas também fora das paredes, como a exposição de Amadeo de Souza-Cardoso no Grand Palais em 2016, ou a exposição sobre as mulheres artistas portuguesas « Tudo o que eu quero », Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, e a ser apresentada em Tours, no Centre de Création Contemporaine Olivier Debré em Março de 2022.

Regressando à Fundação Gulbenkian em Lisboa em 2021, é responsável por projectos especiais, no contexto da investigação e da internacionalização dos artistas da colecção do CAM.

bruno marchand

Bruno Marchand nasceu em Évora em 1978. Tem um mestrado em estudos curatoriais pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa e é doutorando em arte contemporânea pela Universidade de Coimbra.

Entre 2009 e 2013, foi o curador do Chiado 8 - Arte Contemporânea, em Lisboa. Para além da sua actividade curatorial regular, escreveu um livro sobre a vida e obra do artista José de Carvalho (Casa do Sul, 2004) e foi editor de *Robert Rauschenberg: A Crítica e a Obra de 1949 a 1974*. (Público/Serralves, 2008). Em 2012, como parte de Guimarães Capital Europeia da Cultura, concebeu e co-editou, com Pedro Faro, *Cadernos de Curadoria* - um conjunto de doze jornais gratuitos dedicados à reflexão sobre as práticas curatoriais em Portugal.

Em 2016 foi director adjunto da galeria ProjecteSD, em Barcelona, e entre 2017 e 2019 foi curador de exposições na Galeria Zé dos Bois, em Lisboa.

Desde 2020, é responsável pelas artes visuais na Culturgest.



Ilustrado com textos de vários especialistas nas obras dos artistas expostos, o catálogo inclui também um ensaio introdutório de Bruno Marchand e Helena de Freitas, os curadores da exposição.

Para além da continuação da exposição, esta edição presta especial atenção a aspectos mais reservados, mesmo inéditos, da vida e do trabalho dos artistas.

O catálogo está disponível em duas versões bilingues: uma em português/francês e outra em português/inglês.

A coordenação editorial é de Clara Vilar e o desenho por José Albergaria do estúdio Change is Good. É publicado pela Imprensa Nacional em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção Geral do Património Cultural.

O catálogo está disponível para venda na livraria.

Esta exposição é organizada pelo Ministério da Cultura Português e pela Fundação Calouste Gulbenkian, em co-produção com o Centre de Création Contemporaine Olivier Debré e com a colaboração do Plano Nacional das Artes Portugues.



Esta exposição está rotulada «Saison croisée France-Portugal 2022».



Decidida pelo Presidente da República Francesa e pelo Primeiro Ministro português, a Época França-Portugal terá lugar simultaneamente nos dois países entre 12 de Fevereiro e 31 de Outubro de 2022.

Esta Estação Cruzada, que faz parte da Presidência francesa do Conselho da União Europeia, é uma oportunidade para realçar a proximidade e a amizade que unem os nossos dois países, consubstanciada em particular pela presença em França de uma comunidade luso-descendente muito grande e em Portugal de um número crescente de expatriados franceses, duas comunidades dinâmicas, móveis e activas que constituem um elo humano e cultural excepcional entre os nossos dois países.

Esta Estação Cruzada, que faz parte da Presidência francesa do Conselho da União Europeia, é uma oportunidade para realçar a proximidade e a amizade que unem os nossos dois países, consubstanciada em particular pela presença em França de uma comunidade luso-descendente muito grande e em Portugal de um número crescente de expatriados franceses, duas comunidades dinâmicas, móveis e activas que constituem um elo humano e cultural excepcional entre os nossos dois países.

Através de mais de 200 eventos, e com vista a alargar as bases da nossa cooperação, a Época França-Portugal pretende destacar as numerosas colaborações entre artistas, investigadores, intelectuais, estudantes e empresários, entre as nossas cidades e regiões, entre as nossas instituições culturais, as nossas universidades, as nossas escolas e as nossas associações: tantas iniciativas que ligam profunda e sustentavelmente os nossos territórios e contribuem para a construção da Europa.



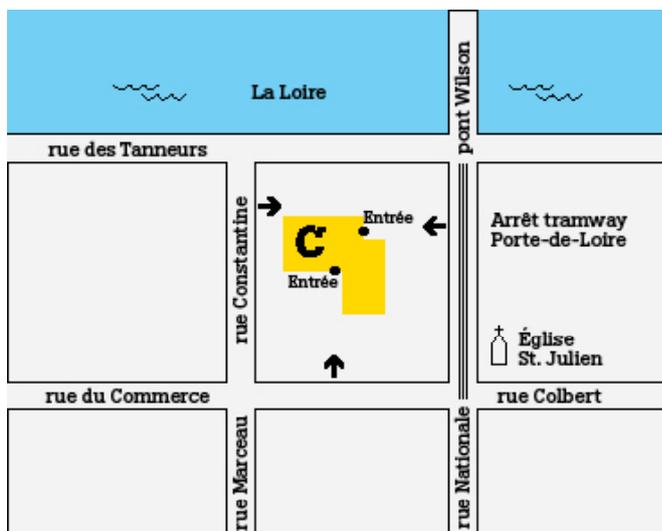
Maurizio Nannucci, *Listen to your eyes*, 2010, FNAC 10-1055, coleção de CNAP, 2018-2020

No coração da cidade histórica de Tours, na sua arquitectura contemporânea desenhada pela agência portuguesa Aires Mateus, o Centre de Création Contemporaine Olivier Debré oferece-se ao público como um espaço aberto, um lugar de descoberta, de partilha de conhecimentos e experiências. Como centro de arte contemporânea, é também um lugar de culturas multidisciplinares que dialoga com todos os actores do território para explorar novos terrenos.

O CCC OD é agora o depositário de uma doação de obras do pintor Olivier Debré, que viveu em Touraine desde a sua juventude. A recepção de uma colecção histórica dentro de um centro de arte contemporânea é uma singularidade fecunda, que torna possível estabelecer pontes entre a criação de ontem e de hoje.

Ao longo do ano, o nosso serviço público inventa uma vasta gama de actividades tanto para crianças como para adultos, personalizando as suas propostas para se adequarem a indivíduos e a diferentes grupos. As exposições são acompanhadas por um programa cultural rico e curioso: conferências, reuniões, espectáculos ou exibições, tudo isto ajuda a despertar os sentidos e a alargar os conhecimentos.

Com um exigente programa de exposições, o CCC OD está cada vez mais enraizado no seu território enquanto explora a criação internacional. O CCC OD é uma instituição pioneira e curiosa, nunca indiferente às questões actuais, e olha para o futuro com os artistas que continuam a questionar o nosso mundo de novas formas.



acesso

Jardin François 1^{er}
37000 Tours
T +33 (0)2 47 66 50 00
F +33(0)2 47 61 60 24
contact@ccc od.fr

estação de comboios a 70 minutos de Paris por
comboio TGV
pela auto-estrada A10, saída Tours Centre

equipamento

estacionamento de bicicletas
estacionamento automóvel na Porte de Loire,
Place de la Résistance e Rue du Commerce
serviços disponíveis no local: elevadores, laço de
indução magnética, sanitários adaptados, cacifos
para carrinhos de bebé, mudança de fraldas, uma
cadeira de rodas

horário de abertura

Quarta-feira a Domingo das 11h às 18h
Sábado até às 19h

tarifas

4 € (tarifa reduzida)
7 € (tarifa integral)
grátis para menores de 18 anos

CCC OD LEPASS

acesso ilimitado às exposições e actividades
válido por 1 ano
27 € uma pessoa
45 € duo
12 € estudante / 7€ pce

acesso aberto

o café - restaurante

Marie e Stanislas dão-lhe as boas-vindas para provar
as suas refeições e vinhos, de terça-feira a domingo,
das 11h às 16h.

+33(0)9 72 61 78 71 / contact@lpctours.com
<https://lepotagercontemporain.com/>

a livraria - loja

A editora Bookstorming-Paris propõe uma ampla
escolha de livros especializados em arte, arquitectura
e design.

+33(0)7 85 93 42 93 / librairie@ccc od.fr

O ccc od é uma instalação cultural da Tours Métropole Val de Loire.
A sua construção foi possível graças aos esforços conjuntos do Estado e das autoridades locais.

centre
de
création
contemporaine
olivier
debré

contactos de imprensa

Lucie Lothaire
L'Art en Direct
llothaire@artendirect.fr
06 87 52 06 78

Charlotte Manceau
CCCOD
c.manceau@CCCOD.fr
02 47 70 23 22 / 06 82 44 87 54